

ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS: ENTRE O BEM E O MAL NO PADÊ DE EXU

EPISTEMOLOGICAL CROSSROADS: BETWEEN GOOD AND EVIL IN THE EXU PADÊ

NATÁLIA PEREIRA FONCECA

Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus JK (2019). Atualmente cursando Geografia na UFVJM. Mestranda em Estudos Rurais, também pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

RESUMO

As associações das narrativas pertencentes ao campo das culturas e religiões de matriz africana são objetos – ainda no século XXI – de preconceito e de ressignificação como algo denominado impróprio, sujo e demoníaco. Estas associações míticas provocam a invisibilidade do povo preto e de sua trajetória, ao mesmo tempo, em que o avanço científico e tecnológico busca a erradicação de paradigmas e o ressarcimento de dívidas que a nação brasileira tem com o seu povo. Para que o propósito de (re)construção de uma identidade nacional democrática seja atribuída com credenciais válidas para os povos considerados marginais é necessário uma revisão nas articulações de análises no campo científico que possibilite caminhos mais livres na incorporação de epistemologias apropriadas nas proximidades dos saberes populares, assim como na revisão das noções de bem e mal que podem promover grandes mudanças nos fenômenos pertencentes à política do ódio, disseminados ao longo dos Terreiros e Casas de Santos, bem como os adeptos das religiões de matriz africana dispostos em todas as regiões do país.

Palavras-chave: Religiões de matriz africana; Epistemologias; Exu; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The associations of narratives belonging to the field of cultures and religions of African matrix are objects – still in the 21st century – of prejudice and resignification as something called inappropriate, dirty and demonic. These mythical associations provoke the invisibility of the black people and their trajectory, at the same time, in which the scientific and technological advance seeks the eradication of paradigms and the reimbursement of debts that the Brazilian nation has with its people. For the purpose of (re)construction of a democratic national identity to be attributed with valid credentials to peoples considered marginal it is necessary to review the articulations of analyzes in the scientific field that allow freer paths in the incorporation of appropriate epistemologies in the vicinity of knowledge, popular, as well as in the revision of the notions of good and evil that can promote great changes in the phenomena pertaining to the politics of the hate, spread throughout the Terreiros and Casas de Santos, as well as the adherents of the religions of African origin arranged in all the regions of the country.

Keywords: African matrix religions; Epistemologies; Exu; Interdisciplinary

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 ENCRUZILHADAS; 2 EPISTEMOLOGIAS; 3 EXU E A ENCRUZILHADA ENTRE O BEM E O MAL; 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

*“Oja oja ni awon mejeji.”
A banca do mercado tem dois lados.¹*

As culturas africanas vêm sendo, nos dias atuais, estudadas por diversas questões que expressam, historicamente, a resistência cultural, social e étnica do Brasil. A exemplo deste contexto, ressalva-se a imagem de Exu e todo os seus arquétipos, pertencentes às religiões de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda, que sofreram ao longo do tempo um processo de ressignificação por conta de uma associação estereotipada e reduzida a algo “demoníaco”, “sujo”, “impróprio”. Isso se deu, principalmente, em função da representação imagética de Exu e de suas características fálicas, que posteriormente foram assimiladas com o Diabo cristão e, por conseguinte, foram incorporadas a um “mal” que deveria ser extirpado.

Assim, essa associação permaneceu e se tornou um dogma social. É possível apontar, por exemplo, o caso de Lázaro Barbosa, amplamente divulgado pelas mídias e disseminado através das redes sociais em junho de 2021, quando Lázaro foi acusado de ser o responsável por crimes bárbaros, que envolvem assassinatos, roubos a mão armada e outros delitos. A partir daí, criou-se, então, um ambiente folclórico, onde uma justificativa destas barbáries foi repetidamente reafirmada como oriunda de “bruxaria”, de práticas ritualísticas que supostamente seriam advindas das religiões de matriz africana e a práticas do satanismo. Em consequência dessa associação, diversos Terreiros foram invadidos, tiveram o seu sagrado violado e foram constantemente expostos e incitados ao ódio².

Esse ambiente folclórico representa, na verdade, uma estrutura de desigualdade e preconceito, e reforça a iminência de se repensar o modelo hegemônico social e as relações étnico-raciais, pois, como consequência dessa estigmatização, as religiões afro-brasileiras precisam lutar persistentemente na ruptura desses dogmas, que geram negligências, opressões, invisibilidade e silenciamentos simbólicos e explícitos.

¹ Conceito formulado pelo Prof. Dr. Babalorixá Sidnei Barreto Nogueira. In: William, Rodney. **Apropriação Cultural**. Jandaíra, São Paulo, 2020, p. 20.

² Ver: Motta, Aydano André; Jacobs, Cláudia Silva. **País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros**. Super Interessante, 02/02/18. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>

Contudo, antes de adentrar ao entendimento do estigma que opera no imaginário social, propõe-se uma revisão acerca do entendimento das concepções de *bem* e de *mal*, para que, posteriormente, seja possível compreender a atuação desses conceitos em relação com os saberes ocidentais, e das novas tendências que flexibilizam a construção de novas teorias que abarquem os saberes tradicionais com validade, e não mais como um saber descredibilizado, respeitado enquanto conhecimento da cultura afro-brasileira.

O termo “encruzilhadas” é utilizado neste trabalho como ponto cardeal de análise, além de compor a simbologia dualista – e, em certos momentos, ambígua – que a tenuidade da relação entre o bem e o mal possibilita transparecer. Nesse sentido, é imprescindível aplainar as “encruzilhadas” sob os caminhos da divindade africana “Exu”, pois é através desses cruzamentos, dentre caminhos distintos, que passam as interconexões que subsidiam a relação entre ciência e religião de modo antagônico, do ponto de vista da produção do conhecimento.

Como explica Adna Cândido de Paula (2017), os conceitos de bem e de mal são discutidos em um amplo espectro, sendo um debate presente desde a era clássica do pensamento filosófico que, porém, sempre foi permeado por direcionamentos ambíguos. De maneira semelhante, dão-se as relações entre ciência e religião, pois o mal é tanto um problema teológico, quanto filosófico (PAULA, 2017). Com base nestas ambiguidades, propõe-se como reflexão a analogia de Rodney William, que alude às trocas e a apropriações culturais que se deram através dos costumes e técnicas herdadas ao longo da diáspora negra, e diz que: “(...) se a banca do mercado tem dois lados, quem vem para trocar e nada deixa pratica uma extorsão, um roubo” (WILLIAM, 2020, p. 21).

Esta analogia fomenta um discurso que embasa o viés da produção do conhecimento, proposto por Boaventura de Sousa Santos (1988), e exposto por Rodrigo Leistner³, na qual corrobora na observação das relações entre os campos científicos e religiosos, que se apresenta “(...) como possibilidade interessante para reflexões sobre como as diferentes formas de saber convivem, disputam, se contrapõem e, sobretudo, como se complementam” (LEISTNER, 2009). Logo, dentre as muitas aproximações possíveis, tratar epistemologicamente estas relações, promove a oportunidade de afirmação afrorreligiosa no Brasil e na América Latina, como forma de resistência contra a intolerância religiosa e o racismo, bem como a libertação da associação que reduz as

³ LEISTNER, Rodrigo. **Religião, ciência e transdisciplinaridade: o conhecimento afro-religioso como objeto de estudo**. Revista Ciências Sociais Unisinos, maio/agosto 2009, p. 125-134. DOI:10.4013/seu.2009.45.2.04

religiões de matriz africana e as religiões afro-brasileiras a algo maléfico, e excepcionalmente a Exu como demônio.

Portanto, estimula-se ao entendimento deste estudo um encontro de troca de saberes e olhares epistêmicos, objetivando propiciar a evolução e superação de estigmas envolvidos a estes contextos, que, em um primeiro momento, fomenta a moral, e, em um segundo momento, fortalece a ética entre os seres humanos.

É com base nessas premissas – e em busca de uma ecologia de saberes à luz de Boaventura de Sousa Santos – que este trabalho pretende alcançar e emergir, assim como nas perspectivas que as noções do bem e do mal podem contribuir na construção de horizontes mais seguros para as demandas pertinentes que restringem os povos marginais e suas culturas. É através do padê de Exu, que este trabalho se orienta. E como diria um velho ditado: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que atirou hoje!”.

Laroyê, Exu é Mojubá!

1 ENCRUZILHADAS

*A sua casa não tem paredes, não tem janela, e não tem nada ...
Aonde é, aonde é, que Exu mora?
Exu mora, é na encruzilhada!⁴*

A encruzilhada é invocada a este trabalho no intuito de incorporar os cruzamentos epistemológicos com os saberes afroreligiosos, bem como os movimentos que se dão na contemporaneidade que circundam as concepções eurocêntricas e incompatíveis com a evolução dos processos socioculturais que desencadeiam a intolerância, a rejeição dos saberes africanos e as problemáticas que a teoria do conhecimento excita ao se deparar com a lógica do pensamento religioso.

Trazendo a perspectiva dos saberes tradicionais que compõem as religiões de matriz africana, compete a este estudo instituir, anteriormente, o que se entende como saber tradicional, para que possamos entender o que se passa nos embates entre as relações do campo científico e religioso. Deste modo, orienta Hugh Lacey (2019):

⁴ Ponto de Exu, cultuado na umbanda. Normalmente, cantado para evocação de Exu em giras de Umbanda.

Um saber refere-se a uma forma de conhecimento, a um corpo estabelecido de conhecimento, dessa forma e aos procedimentos e às abordagens metodológicas utilizados para a obtenção, avaliação e transmissão do conhecimento; e é fomentado pelo modo de vida de um grupo social ou cultura cujas práticas sejam informadas por itens do corpo do conhecimento e seja transmitido (e desenvolvido) de geração a geração (LACEY, 2019, p. 94).

Já na tradição que concerne à ciência moderna, por sua vez, o autor aponta que nos deparamos essencialmente com propostas que não dialogam com os saberes tradicionais, tais como:

(i) O conhecimento, estabelecido com as abordagens metodológicas da ciência moderna, tem credenciais epistêmicas exemplares; (ii) A ciência moderna dá origem ao conhecimento com significado e aplicabilidade universal e é a única fonte de conhecimento confiável dos objetos do mundo; (iii) Outras reivindicações (p. ex., aquelas dos saberes tradicionais) não têm credenciais epistêmicas sólidas, ao menos se forem certificadas à luz dos padrões da avaliação da ciência moderna; (iv) Para serem racionais, a ação e as práticas humanas precisam ser informadas pelo conhecimento científico estabelecido (e não informadas por reivindicações que contradizem o conhecimento científico estabelecido) (LACEY, 2019, p. 95).

Dessarte, o cerne que permeia a abertura de diálogo está no “(...) reconhecimento das credenciais epistêmicas confiáveis dos *saberes*, da importância do seu desenvolvimento e (em que foram perdidos ou enfraquecidos) da sua recuperação para o empoderamento dos povos e das culturas marginalizadas” (LACEY, 2019, p. 95). Assim sendo, uma forma de possibilitar os diálogos entre os campos científicos e dos saberes tradicionais é adotar estratégias sensíveis que possibilitem à comunidade de pesquisadores científicos o entendimento do objeto em análise como um objeto que pode ser físico/químico ou biológico, mas também lógico, histórico, cultural ou econômico.

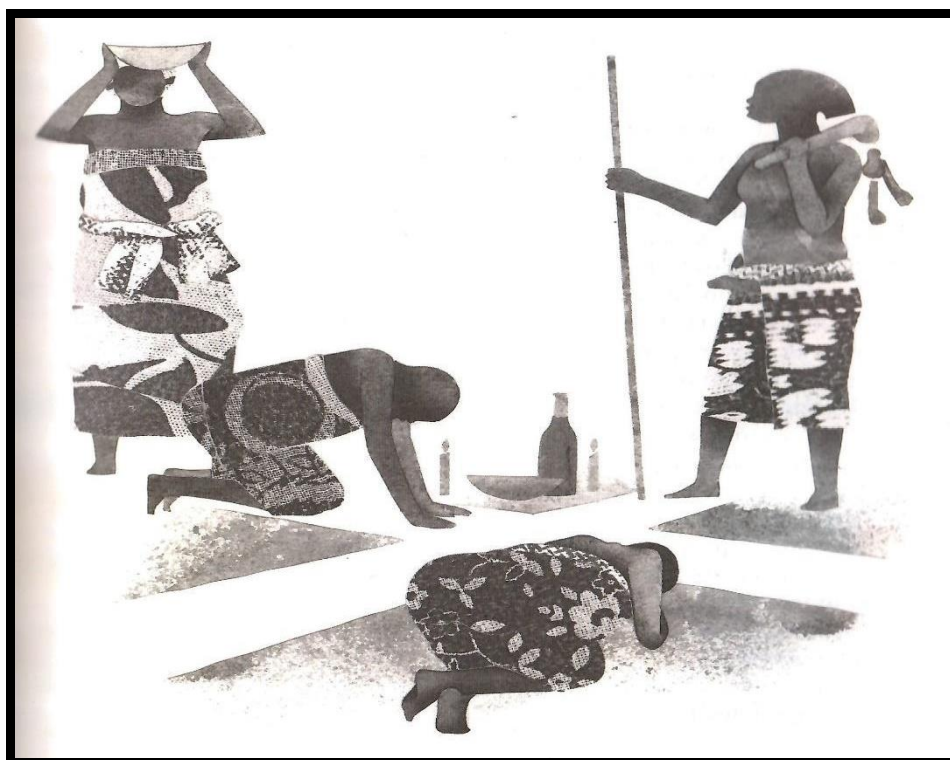
Complementando esse aporte teórico, Santana Júnior (2018) define a encruzilhada como sendo um ponto ambíguo na religiosidade afro-brasileira, podendo ser tanto o começo, o início de um fluxo, quanto o fim de um território existencial. A encruzilhada, então, recebe características de pontos de fusão, tomada de decisão, de confluências, do local onde há o encontro das possibilidades, e, neste caso, o encontro das epistemes. Pensar em encruzilhada é, em certa medida, imaginar o fluxo, o caminho e as transformações que se dão através dos encontros destes caminhos. Em função da ambiguidade de significados, as encruzilhadas pertencem também a Exu, tanto em sua forma como divindade (Orixá, referente ao Candomblé), quanto na forma de espírito que já viveu neste mundo (Entidade, referente à Umbanda).

Conforme apresenta Reginaldo Prandi (2001, p. 40) em um dos mitos delegados a Exu, presente em seu livro *Mitologia dos Orixás* e intitulado “Exu ganha poder sobre as encruzilhadas”, onde apresenta a simbologia mítica do Orixá Exu sob o seu ponto de domínio e atuação, Exu “(...) é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele, os orixás e humanos não podem se comunicar” (PRANDI, 2001, p. 20).

Por isso, este trabalho fundamenta-se a partir de uma análise simbólica do elemento da "comunicação", invocada pela figura mítica de Exu e seus demais significados, pois, ao observar os dilemas que enfrentam as afroculturas, como a necessidade do enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa, que demoniza as práticas e rituais afroreligiosos, as desigualdades sociais pertencentes às marginalidades, às territorialidades e as teorias preconceituosas difundidas ao longo da história, percebe-se que há uma necessidade de revisar a formulação de teorias que agreguem essa discussão ao cenário plural existente no Brasil. Neste sentido, seria válido incorporar teorias epistemológicas que subsidiem essas manifestações religiosas com validade, a partir de seus próprios universos culturais.

Assim, as epistemologias se tornam úteis nessa análise porque estão relacionadas aos conhecimentos acumulados durante os séculos da história humana, que se projetam em diversos horizontes. E, sendo assim, algumas indagações cabem a esta conjuntura porque corroboram com a ideia de que as teorias do conhecimento conduzem, ou não, o enriquecimento da vida humana, se elas configuram ou contribuem com o aumento das desigualdades entre aqueles que o detêm (LEISTNER, 2009, p. 126). Esses questionamentos proliferam o surgimento de outras epistemes que promovem um campo mais seguro, como a abordagem transdisciplinar, sendo esta, uma possibilidade de subsidiar discussões que visam à superação das desigualdades no campo das religiões de matriz africana.

Figura 01: Encruzilhada



Fonte: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. Ilustrações de Pedro Rafael. – 1ª Ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

A busca por uma teoria que subsidie a cosmovisão afrorreligiosa transfigura o sentido de “encruzilhada”, pois, a partir das mudanças históricas, diferentes tipos de entendimento e metodologia do real deram origem ao que, atualmente, chamamos de Ciência (razão) e Religião (mito), que entram em conflito na compreensão das complexidades dos fenômenos. De acordo com Leistner:

No caso das religiosidades africanistas, tal reflexo é substancial. O fato é que, se a própria observação antropológica, em seu sentido fenomenológico, avalia a necessária aproximação entre o observador e a cultura estudada, o debate acerca das conexões, ramos e necessidades de aproximação entre os conhecimentos científicos e religiosos não podem preterir um olhar sobre a construção das duas lógicas com as quais se trabalha (LEISTNER, 2009, p. 126).

Deste modo, associar estas duas instâncias de conhecimento promulga a necessidade de refletir as lógicas da racionalidade do real, bem como as proximidades entre as duas linhas de

pensamento (Científico e Religioso). Souza Santos (1988)⁵ propõe abordagem epistêmica sob a ótica do filósofo Jean-Jacques Rousseau, onde questiona se o progresso das ciências e das artes contribuirá para purificar ou para romper os nossos costumes. Estes questionamentos, de acordo o autor, ainda estão necessariamente atrelados ao paradigma da ciência e, neste sentido:

Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade (SOUSA SANTOS, 1988, p. 18).

As predicções oriundas dos sistemas de complexidades, que aqui são direcionados, em primeiro, a complexidade que envolve as religiões de matriz africana, e em segundo, a complexidade existente na hegemonia da teoria do conhecimento, caminham em duas linhas distintas, que se aproximam ao que se entende como ambiguidade: por um lado, compete as relações de saberes e diferentes formas de conhecimento e, por outro lado, a virtude; esta ambiguidade se assemelha a complexidade das relações de *bem* e *mal*. E é, justamente, neste encontro que deparamo-nos com a encruzilhada de Exu!

Ressalta-se que omitir o desequilíbrio das eminentes rejeições de nossa ancestralidade é ferir, e protelar, todas as décadas que o Estado tem de dívidas para com o povo preto e sua cultura. Em síntese, respaldam-se, de acordo com a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial⁶, subsídios de ações afirmativas que reforça o estudo sobre esta temática: (i) Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação para as Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana; (ii) Política para Povos e Comunidades Tradicionais; (iii) Programa Brasil Quilombola; (iv) Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.

⁵ In: SOUSA SANTOS, B. de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Edições Afrontamento, p.58. 1988

⁶ **III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial**. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPPIR. Brasília, 2013.

2 EPISTEMOLOGIAS

“Há alguma razão de peso para substituírmos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria?”⁷

Em meio ao avanço científico ao longo dos tempos, a construção do saber passou a ser alvo das reflexões inevitáveis e urgentes na busca pela verdade e na explicação dos fenômenos causais do universo. Mas, conforme defende Sousa Santos (1988), “(...) todo conhecimento científico é socialmente construído, que o seu rigor tem limites inultrapassáveis e que a sua objetividade não implica a sua neutralidade” (SOUSA SANTOS, 1988, p. 09).

Essa busca pela verdade universal, traçou proposições de ordem, obtenção e organização do conhecimento. Ademais, mesmo atualmente predominam os arquétipos do saber dominante que embargam contrariedades metodológicas, que muitas vezes excluem outras formas de saber que não estritamente eurocentradas e ditas científicas. Estas contrariedades se devem ao atributo positivista da ciência, sendo um marco que eleva o saber científico como a única forma de conhecimento verdadeiro.

Dessarte, as contribuições científicas proporcionaram o caminho do desenvolvimento na humanidade e, ao mesmo tempo, rejeitaram os saberes tradicionais. De certo, todas estas abordagens, na perspectiva da sociologia do conhecimento, conduzem a uma crise de paradigmas, ao passo que refletem o argumento empirista, onde: *contra fatos, não há argumentos*⁸. Sendo que este “fato” deve ser sempre eurocentrado e positivista.

E é em contrapartida a essas tenuidades que as religiões de matriz africana persistem nas afirmativas de resistência ao seu lugar no campo do conhecimento, para que não se enquadre como um saber inegável, estereotipado como inválido e irrelevante, e reduzido às margens da promoção do avanço entre os homens e o mundo.

⁷ SOUSA SANTOS, B. de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Edições Afrontamento, p.16. 1988.

⁸ Termo utilizado, para designar o excesso do mal em relação ao bem, em sua essência significativa. Aqui, se emprega em consonância epistemológica. IN: PAULA, A. C. **O mal e as entidades ficcionais: Uma perspectiva ontológica na compreensão da simbólica do mal**. Juiz de Fora, p.11. 2017.

Em virtude das problemáticas que se circundam estas discussões entre conhecimento científico e o conhecimento oriundo dos saberes das religiões afro-brasileiras, concerne algumas considerações sobre a lógica destas instâncias do conhecimento, da racionalidade e dos dualismos presentes nas reflexões ontológicas.

Primordialmente, para adentrarmos às concepções que a racionalidade científica provocou nos estágios evolutivos da construção epistemológica, é necessário relembrarmos, conforme Koyré (2006), que a ciência desde o seu surgimento, entre os séculos XIV e XV, adotou o rumo em que os movimentos feudais percorria, em busca de uma nova organização e, por conseguinte, a Europa se modificou ao pretexto de novas formas de ver e pensar o mundo, uma vez que essa nova forma de pensar estava atrelada às necessidades da burguesia em se estabelecer como classe hegemônica.

Segundo Zago (2019), na Idade Média, as reflexões de Platão, Aristóteles e demais filósofos, foram crivadas à justificativa do real pautados à fé. Estas narrativas, gerariam caminhos distintos futuramente, onde a compreensão mais aprofundada da realidade se fundamentava num maior domínio da natureza. Para o autor, a essência da busca da verdade era insuficientemente estável às incertezas da época. Cabe ressaltar que Émile Durkheim (1978) nos recorda que a ciência se apoiou na religião, a fim de reparar a necessidade de fundamentar a experiência do real e das objeções que opõe a sociedade ideal e real sensível.

Ainda sob os apontamentos de Zago (2019), as justificações da lógica na época, não eram mais suficientes, já que se previa trilhar novos caminhos, abrir novas rotas, tanto comerciais, quanto para novos conhecimentos e descobertas. No entanto, o autor traz as percepções de Bacon (1977, p. 29), com o seu principal texto, intitulado “*Novum Organum*”:

O primeiro consiste em que sejam conservados intactos e sem restrições o respeito e a glória que se votam aos antigos, isso para o bom transcurso de nossos fados e para afastar de nosso espírito contratempos e perturbações. [...] Com efeito, se pretendemos oferecer algo melhor que os antigos e, ainda, seguir alguns caminhos por eles abertos, não podemos nunca pretender escapar à imputação de nos termos envolvido em comparação ou em contenda a respeito da capacidade de nossos engenhos. Na verdade, nada há aí de novo ou ilícito. Por que, com efeito, não podemos, no uso de nosso direito que, de resto, é o mesmo que o de todos -, reprovar e apontar tudo o que, da parte daqueles, tenha sido estabelecido de modo incorreto? (ZAGO, 2019, p.213 *apud* BACON, 1997, p. 29).

Posteriormente a estes novos ares, as mudanças decorrentes foram lentas e as ideias foram se modificando rumo a uma cosmovisão reestruturada à medida que caía o feudalismo e suas

organizações abruptas (ZAGO, 2019, p. 213). Outras contribuições foram pertinentes a análise histórica da ciência, como o pensamento grego na concepção do *Logos*, cujo qual consolidava compreender as relações entre o homem e o mundo: “(...) com o advento do cristianismo, a cosmologia clássica foi cristianizada.”, juntamente com a contribuição de Agostinho, de modo neoplatônico, condicionou a razão à fé (ZAGO, 2019, p. 213).

Conforme Leinstner (2009), as incidências de tensões do pensamento se deram da seguinte forma:

Contudo, as mudanças e renovações do pensamento, instauradas desde movimentos intelectuais como o humanismo e o renascimento cultural, promoveram profundas rupturas com o teocentrismo medieval e propuseram novas concepções nas quais a relação Deus/homem foi ultrapassada pela relação homem/natureza. Estas ideias foram sendo sedimentadas e desenvolvidas num *continuum* que desembocou na Revolução Científica do século XVII, a qual desenhava o contexto em que o homem passava a ver a natureza como objeto de sua ação e seu conhecimento. (LEINSTNER, 2009, p. 127).

A partir de então, formula-se uma nova forma de se investigar, através de um sistema lógico de compreensão dos fenômenos. Essa nova perspectiva de pensamento, que é científica, tem como arcabouço a busca pelo desenvolvimento metodológico, que se propagou como a vertente que baseia o conhecimento científico moderno (LEINSTNER, 2009; p. 127).

De acordo com Koyré (1982):

O traço distintivo do método científico do século XVII, se o compara com o da Grécia antiga, era sua concepção da maneira pela qual uma teoria devia estar ligada aos fatos observados que ela se propunha explicar, a série de passos lógicos que ele comportava para edificar teorias e submetê-las aos controles experimentais. A ciência moderna deve profundamente seus êxitos ao uso desses métodos indutivos e experimentais, que constituem o que muitas vezes se chama o método experimental. A tese deste livro é a seguinte: a compreensão sistemática, moderna, pelo menos dos aspectos qualitativos desse método, é devida aos filósofos ocidentais do século XIII. Foram eles que transformaram a geometria dos gregos e dela fizeram a ciência experimental moderna (KOYRÉ, 1982, p. 57 *apud* CROMBIE, p. 01).

Em virtude da sistemática metodológica, entre os séculos XVII e XVIII, cientistas e filósofos estabeleceram o mapeamento de teorias que ainda hoje utilizamos. A chegada do Iluminismo provocou a racionalidade como forma imprescindível aos fenômenos. Conforme Melo e Donato (2011):

Todavia, seria só após a Revolução Francesa que este modelo de racionalidade se estenderia mais fortemente às outras nações e sociedades. Paradigmas que acabavam por reconduzir a duas distinções fundamentais do saber: primeiro, o conhecimento científico sobrepondo-se ao conhecimento religioso e do senso comum e; em segundo, entre a natureza e a sociedade. O conhecimento, portanto, avançaria as fronteiras do imaginário e teria um caráter descomprometido e livre pela observação científica (MOLO; DONATO, 2011 *apud* SANTOS, 1987).

Ressalta-se sob a luz de Sousa Santos (1988) e Leistner (2009), que a racionalidade científica propôs um modelo totalitário, desta forma, negando outras formas de obtenção da verdade, pertencente a todas outras formas de conhecimento que não estivessem no mesmo arcabouço epistemológico, não distante de que este rigor científico se rejeitava da lógica do conhecimento oriundo dos saberes tradicionais e humanísticos.

Assim sendo, a quantificação ganha espaço epistemológico, trazendo algumas nuances de que para entender o universo, é necessário dividir e parcelar (método de investigação). Destarte, esta perspectiva fundamentou as leis, a ordem e a estabilidade da funcionalidade utilitária do mundo. Destaca-se: “(...) o conhecimento deve servir para algo; deve atuar na resolução dos problemas e manter uma ordem racional e positiva das coisas” (LEISTNER, 2009; p. 127).

Em conformidade aos aportes teóricos citados, ressalta-se que a partir da chegada da racionalidade ao advento da sociologia como disciplina científica, em meados do século XIX, houve o afastamento da possibilidade interpretativa da realidade com base nos saberes religiosos. Como aponta Leistner (2009), nas perspectivas de Sousa Santos (1988):

Sousa Santos (1988) dimensionou a crise dessa lógica racional a partir das seguintes sentenças. Primeiro, os grandes avanços fragilizaram os pilares sobre os quais esse paradigma emergiu; assim, a grande evolução tecnológica empreende tantas ameaças à vida humana quanto possíveis melhorias e soluções. Segundo, outra característica da crise situa-se na figura da extrema fragmentação que impossibilita o olhar complexo sobre o todo que compreende as circunstâncias humanas (LEISTNER, 2009; p. 127-128).

Já Edgar Morin (2015), contribui a este pensamento com a “teoria da complexidade”, que se mostra contrária ao pensamento simplista, e aprimora os traços contemporâneos na forma de se fazer ciência, sobretudo não descaracterizando os pensamentos clássicos de se propor ciência, quanto aos métodos e epistemes. Na verdade, ele fomenta a necessidade de uma ruptura de antigos paradigmas e propõe uma forma que engloba as diversas áreas do conhecimento, sem que seja

necessário abrir mão da razão, apenas sugere uma aproximação com o real da vida, dos seres, dos ambientes e do universo que os pertence, além de propor para uma gama que interliga muitos laços ademais das fronteiras do pensamento do homem quanto às inúmeras variáveis nas suas relações.

Deste modo, conforme afirma Sousa Santos (1988), as condições teóricas não são tão triviais quanto parecem, tendo em vista as insuficiências estruturais do paradigma científico moderno, uma vez que esse paradigma é resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. Desta forma, o aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares que o funda. Confirma o autor que:

(...) estamos de novo perplexos, perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder; admitimos mesmo, noutros momentos, que essa sensação de perda seja apenas a cortina de medo atrás da qual se escondem as novas abundâncias da nossa vida individual e coletiva (SOUSA SANTOS, 1988, p. 17).

Assim como afirma Lacey (2019), uma das formas de se mitigar estas situações que implicam os campos científico e de saberes tradicionais é adotar medidas estratégicas na forma em que a ciência se depara ao analisar o objeto em estudo, como, por exemplo, as Pesquisas Multiestratégicas (P-MS), onde são traçados a participação da comunidade de pesquisadores, a aderência de valores éticos e morais na relação com o estudo analisado, que, no caso deste estudo, está voltado às saberes tradicionais oriundo das religiões de matriz africana.

Nas palavras de Lacey (2019):

A identificação da ciência com a P-MS fornece a chave que faz possível o diálogo entre ciência e saberes tradicionais. Além disso, à luz da P-MS, faz sentido visar conduzir a pesquisa científica com o objetivo de obter conhecimento que poderia ser usado para fortalecer os direitos e o bem estar de todos em todo lugar (inclusive os grupos atualmente marginalizados), para iluminar as condições necessárias para a sua participação efetiva numa sociedade democrática (LACEY, 2019, p. 113).

Em síntese, todos os arquétipos aqui traçados propõem à ciência uma abordagem diferente aos antigos dogmas e, em seguida, criam estratégias para repensar essa relação entre saber tradicional e saber científico. Porque, apesar de serem abordagens distintas, nenhum saber deve ser considerado inválido, respeitando assim as pluralidades culturais, sociais e epistêmicas existentes antes do cientificismo europeu.

3 EXU E A ENCRUZILHADA ENTRE BEM E O MAL

*Eu não ando no breu,
Nem ando nas trevas,
É por onde vou, que o santo me leva ...
É por onde vou, que o santo me leva!⁹*

As reflexões sobre o bem e o mal, neste tópico, serão baseadas nos estudos realizados pela Prof.^a Dr.^a Adna Candido de Paula em sua tese “O mal e as entidades ficcionais: Uma perspectiva ontológica na compreensão da simbólica do mal” (2017) e nos estudos de Oli Santos da Costa em sua tese “Exu, o Orixá fálico da Mitologia Nagô-Yorubá: Demonização e sua ressignificação na Umbanda” (2012). A partir dos estudos supracitados, pretende-se entender as principais percepções entre as duas instâncias, o *bem* e o *mal*, para que, posteriormente, possamos compreender a complexidade da concepção de Exu e as tenuidades dessas concepções simbólicas e paradigmáticas.

Inicialmente, Paula (2017) expõe que as percepções sobre o mal combinaram ideias filosóficas judaicas, cristãs e gregas, o qual ocasionou em questionamentos sobre sua origem, sua causalidade e sua espacialidade. Em linhas gerais, nas palavras da autora, por meio das visões judaicas e cristãs atribui-se que

o mal foi abordado, frequentemente, em oposição ao bem, quer este fosse concebido filosoficamente como austeridade ou excelência, quer religiosamente como virtude ou temor a Deus, e essa definição determinou, em grande medida, a percepção do mal. Se o bem é a ideia, o mal é a matéria; se for apreendido como ideia, se investiga a natureza dessa ideia. Se o bem é a lei moral, o mal é privação do bem, ou ele possui uma essência diferente da que possui o bem. Se o bem é um princípio, o mal ou é um princípio oposto ou não é princípio. Se o bem tem origem em Deus, o mal tem origem em um inimigo de Deus, ou Deus criou o bem e o mal. Se Deus é o sumo bem e se o mal existe, então, Deus não existe (PAULA, 2017, p. 09-10).

Deste modo, compreende-se que essa discussão se baseia em um ponto ambíguo de definições. Posteriormente, no século XVIII, estas perspectivas se transcreveram para um lado histórico na fundamentação das análises sobre o que é o mal, e, porventura, ocasionaram

⁹ BETHÂNIA, Maria. Carta de amor. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xVozMozsR9Y&list=OLAK5uy_nfCXIMoCRGsie1G48BP_jK7vzHm1YNprE&index=9. Acesso em: 07/08/2021

importantes considerações no campo sociológico e político. A ambiguidade na análise impõe-se por dois vieses, os quais compreende-se pela,

reflexão sobre o mal se complica quando se tem que determinar o foco de atenção das discussões: (i) a partir de um ponto de vista sobrenatural; (ii) a partir da teologia; (iii) a partir do mal natural; (iv) a partir dos acontecimentos hediondos no mundo sensível; (v) a partir dos distúrbios psicológicos; (vi) a partir das disposições dos agentes morais, (vii) a partir da retribuição, entre outros. Por outro lado, também são plurais as respostas apresentadas aos problemas suscitados pela resistência do mal a interpretações totalizantes: (i) postulam um estado futuro no qual o sofrimento terreno será compensado; (ii) interpretam o mal como justa retribuição pelos pecados individuais e, mais geralmente, como o efeito da Queda do homem; (iii) consideram a existência do sofrimento como um instrumento necessário para o desenvolvimento moral e intelectual da humanidade; (iv) atribuem a percepção do mal à incapacidade do ser humano em ver o quadro geral e a complexa rede de relações que articula todos os eventos no mundo, entre outras (PAULA, 2017, p. 10).

Através deste breve contexto, trago aqui a imagem de Exu, sob a perspectiva de análise apontada por Paula (2017, p. 11): “Certo, o mal existe incontestavelmente, mas seria provável que exista mais males que bens no mundo, quem fez ou faz essa quantificação?”. Com base em questionamentos como estes que se intenta levar luz às sombras que circundam a imagem de Exu, tanto em espectro social, quanto científico e religioso. É justo definir Exu como algo maléfico apenas pela associação equivocada difundida e dogmatizada pelos missionários cristãos, católicos e protestantes? Não seria mais plausível entender os fenômenos que estão aliados à divindade Exu? E considerar suas perspectivas como um saber que faz parte da identidade de um povo ao invés de estereotipá-la ou descartá-la?

Oli Santos da Costa corrobora com essas indagações em razão de experiências vivenciadas negativamente em que, “como filho de Exu (Bará) iniciado na umbanda cruzada com as nações jeje-nagô (batuque), fora os preconceitos e bullying sofridos por ser filho de um orixá que, além de fático, é associado ao diabo cristão” (COSTA, 2012, p. 10), levam a elocubração acerca do construto social que corrompe e estigmatiza a imagem de Exu, uma divindade identificada como um Orixá. Nesse sentido, Reginaldo Prandi é assertivo:

Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende de seu papel de mensageiro. Sem ele orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legba, Bará e Eleguá, sem sua participação não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica. Na época dos primeiros contatos de missionários cristãos com os iorubás

na África, Exu foi grosseiramente identificado pelos europeus com o Diabo e ele carrega esse fardo até os dias de hoje (PRANDI, 2001, p. 20-21).

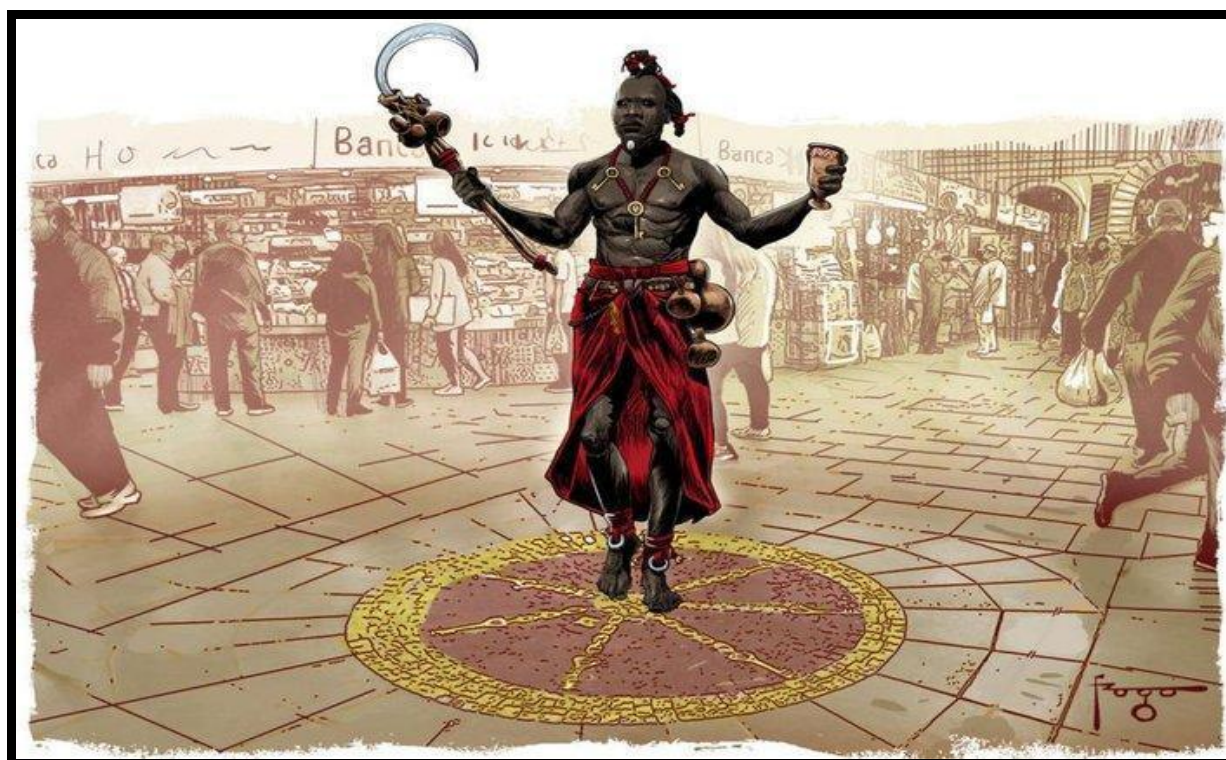
Ademais a estas compreensões, entende-se Exu como o Orixá mais vilipendiado do panteão africano, que se derivou do processo de colonização europeia o qual rotulou a divindade como o Diabo ou como uma representação do mal às religiões cristãs. As diversas controvérsias com relação à imagem de Exu, tendo como princípio as considerações de bem e mal são limitadas em detrimento de sua cosmogonia religiosa, como pontua Ortiz ao referendar Herskovits, pois

tal representação religiosa é totalmente estranha ao pensamento africano; ela resulta da influência ideológica dos cânones morais da igreja católica. Com efeito o orixá africano se situa fora do dualismo bem e mal; ao mesmo tempo que recompensa, ele pune os homens com sua cólera divina (ORTIZ, 1999; p. 127).

Por tanto, após as reflexões sobre as dualidades que circundam os arquétipos (de bem e mal) em Exu, considera-se que o “padê”¹⁰ – referenciado neste estudo – comporta-se como forma das resoluções que circulam interespaços antagônicos, mas que se complementam, tendo como o resultado o próprio padê. O padê, por sua vez, é a mistura das coisas, em um dialogismo filosófico à ordem, e a totalidade de reflexões que as diferentes formas de compreender e julgar o mundo designa ao considerar-se a totalidade do real. Ou seja, é a consequência das ideias para dar início ao novo, o alimento que provoca no homem a comunicação.

¹⁰ Rito preliminar das cerimônias da tradição iorubana para invocação de todos os orixás e ancestrais, por intermédio de Exu. Nos terreiros antigos, quando realizado apenas para invocação dos ancestrais, chamava-se “padê de cuia” (alusão ao recipiente usado na libação*). Do iorubá padê, “reunião”. (LOPES, 1942; p. 1079)

Figura 02: Exu



Fonte: FRAGA, Gilmar. Uma divindade na encruzilhada do Mercado Público: conheça a história do Bará. Portal GHZ Porto Alegre, 30/12/2020.¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, através dos aportes aqui relevados, que o Brasil enfrenta ainda um momento de resistência com relação aos povos afro-brasileiros e à sua cultura, onde a estrutura de desigualdade e preconceito reforça o racismo religioso. Esta incidência avigora as desigualdades que um dia foram fatídicas para os povos originários e os africanos que estiveram na diáspora negra.

Assim, o cenário aqui apresentado faz recordar do período Imperial, onde o Brasil foi submetido às outorgas de leis que puniam quaisquer tipos de reunião ilícita que diferenciasse da

¹¹ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/12/uma-divindade-na-encruzilhada-do-mercado-publico-conheca-a-historia-do-bara-ckjahtpb9008m017wfv3qxe9e.html>

religião cristã estabelecida por D. Pedro (Lei de 16 de dezembro de 1830), deste modo, tornava impróprio o exercício da crença nas divindades africanas. De certo, isso ao mesmo tempo transfigura o fato de que as representatividades da cultura afro-brasileira se mantêm imponentes e, porém, ainda se configura numa resistência na inserção dessas culturas na dinâmica social.

Não obstante, ao trazer as concepções de Exu para compressão destes entraves, deparamo-nos com a sua encruzilhada, que detém uma complexidade de fenômenos, que incorporam estas problemáticas, assim como a sua essência como orixá da *comunicação* que, porventura, revela a simbologia de que para comungarmos das benevolências da vida, antes de mais nada, deve-se agradá-lo, pois não se faz nada sem antes agradecer a Exu. O potencial de comunicar-se entre o mundo dos homens e os deuses nos faz recorrer aos estudos epistemológicos como forma de transgredir antigos padrões, ou melhor, “a quebra de paradigmas”, a fim de traçar caminhos mais seguros para os horizontes afroculturais.

A partir destas instâncias, compreende-se que que, no campo científico, as narrativas ainda são difundidas pelo seu próprio sistema de rigor em apropriar-se do real apenas com o conhecimento positivista, quantificado, totalitário. Estas análises nos levam a procurar outros meios para levar à luz as questões de desigualdade entre os campos afrorreligiosos, que, deste modo, podem ser guiados aos caminhos da transdisciplinaridade, propostas pelo Boaventura de Sousa Santos, entre outros.

Em síntese, tratar as complexidades que permeiam os saberes africanos é de certo modo ressignificar os estereótipos ainda existentes no imagético brasileiro, e ninguém melhor que Exu para mostrar os caminhos que nos tragam a paz, a união e o amor entre os seres humanos. O padê, aqui referenciado, é antes de mais nada uma oferenda a esta divindade, para que possamos aprender de sua sabedoria e de sua perspicácia. No padê de Exu tem dendê, como prova de seu movimento sobre as coisas do mundo. No padê de Exu tem cachaça, como forma de aquecer os corações que aqui neste mundo sofrem.

Laroyê! Exu é Mojubá!

Agô, adupè Orisà!

REFERÊNCIAS

- BETHÂNIA, Maria. **Carta de amor**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xVozMozsR9Y&list=OLAK5uy_nfCXIMoCRGsie1G48BP_jK7vzHm1YNprE&index=9. Acesso em: 07/08/2021
- COSTA, Oli Santos. **Exu, o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá: demonização e sua ressignificação na umbanda**. Dissertação (Mestrado) – Pontífica Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. 2012.
- III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial**. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. Brasília, 2013.
- KOIRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Tradução de Donaldson M. Garschagen – 4. Ed. – Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.
- KOIRÉ, Alexandre. **Estudos de história do pensamento científico**. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, Coleção Campo Teórico, 1982.
- LACEY, Hugh. Ciência, valores, conhecimento tradicional / indígena e diálogo de saberes. *In: Diálogo de Saberes Socioambientais: desafios para epistemologias do Sul*, Vol. 50, abril 2019. DOI: 10.5380/dma.v50i0.65422
- LEISTNER, Rodrigo. Religião, ciência e transdisciplinaridade: o conhecimento afro-religioso como objeto de estudo. *In: Revista Ciências Sociais Unisinos*, maio/agosto 2009, p. 125-134. DOI:10.4013/seu.2009.45.2.04
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª Ed., Selo Negro, São Paulo, 2011.
- MELLO, Vico Denis S. de; DONATO, Manuella Riane A. O pensamento Iluminista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. *In: Revista Crítica Histórica*, Ano II, nº 4, dezembro/ 2011.
- MORAES, Fabiana. **O ritual racista da imprensa na cobertura de Lázaro Barbosa**. The Intercept Brasil, 29/06/21. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/29/ritual-racista-imprensa-cobertura-caso-lazaro-barbosa/>>. Acesso em: 07/07/2021.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lsiboa. – 5ª e.d. – Porto Alegre, Sulina, 2015. p. 120.

MOTTA, Aydano André; JACOBS, Cláudia Silva. **País registra cada vez mais agressões e quebras de terreiros.** *In:* Super Interessante, 02/02/18. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>.

Acesso em: 07/08/2021

PAULA, A. C. **O mal e as entidades ficcionais:** Uma perspectiva ontológica na compreensão da simbólica do mal. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.152. 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** Ilustrações de Pedro Rafael. – 1ª Ed. – São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

RODNEI. Homossexualidade e candomblé - Diálogos da fé. *In:* Carta Capital, 22/09/17. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/homossexualidade-e-candomble/>. Acesso em: 07/08/21.

SANATA JÚNIOR, Humberto Manoel de. Encruzilhadas Epistemológicas: “Acertando o conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei hoje”. *In:* **Revista de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Vol. 03, nº 6, Jul. – Dez. de 2018.

SOUSA SANTOS, B. de. **Um discurso sobre as ciências.** Porto, Edições Afrontamento, p.58. 1988.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação Cultural.** Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, p.208. 2020

ZAGO, Luis Henrique *et al.* O surgimento da Ciência: A constituição de uma nova visão de mundo. *In:* **Disciplinarum Scientia.** Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 20, nº 2, p. 211-224, 2019.

Recebido em: 14/03/2023 / Aprovado em: 17/12/2023